

GRUPO CORPO

PIRACEMA

Coreografia: **Rodrigo Pederneiras e Cassi Abranches**

Música: **Clarice Assad**

Cenografia: **Paulo Pederneiras**

Figurino: **Marcelo Alvarenga e Susana Bastos**

Iluminação: **Paulo Pederneiras e Gabriel Pederneiras**

Do Tupi: “pira” = peixe; “cema” = subir. Arribação de peixes em grandes cardumes. Movimento migratório de peixes no sentido das nascentes dos rios, com fins de reprodução

PIRACEMA, coreografia de Rodrigo Pederneiras e Cassi Abranches, comemorou os 50 anos de atividades do Grupo Corpo e tem música especialmente criada por Clarice Assad

No ano de seu cinquentenário, 2025, o **GRUPO CORPO** escolheu o fenômeno da piracema como símbolo de sua trajetória – uma viagem movida pelo irresistível desejo de criar, recriar e resistir, em sua brasilidade profunda e incontestável que deságua na linguagem universal da grande arte. Se o peixe sobe a correnteza do rio, enfrenta uma dura jornada para chegar ao local da desova, é também contra os obstáculos que se instala a urgência de criar e recomeçar.

O balé sinaliza, portanto, continuidade e renovação, resiliência e ousadia do mais importante grupo de dança contemporânea do país. Com trilha inédita composta pela multi-instrumentista e compositora brasileira/norte-americana Clarice Assad, **Piracema** inaugurou a parceria coreográfica de Rodrigo Pederneiras com Cassi Abranches, que passa a ser também coreógrafa residente.

CRIAÇÃO DIVIDIDA E MULTIPLICADA

Uma inovação radical no método de trabalho dos dois criadores – Rodrigo e Cassi – neste **PIRACEMA**. Um desafio e tanto, a partir da proposta do diretor artístico Paulo Pederneiras. Com a companhia dividida em dois grupos de 11 bailarinos, cada um dos coreógrafos criou e ensaiou independentemente todo o balé, para depois reunir e combinar as duas versões. “Nossas duas visões se completam. Foi uma experiência riquíssima”, é como Rodrigo Pederneiras avalia o processo de criação. “Cassi é nossa cria, foi nossa bailarina e coreografou *Suite Branca* (2015) para nós. Domina a linguagem e, ao mesmo tempo, traz novos elementos, sua bagagem internacional, os dez anos em que evoluiu em outros cenários”. Limites rígidos foram estabelecidos. “Não podíamos nem circular na área em que o outro grupo estava ensaiando”, revela Cassi Abranches. “Deu um frio na barriga, mas topamos a proposta do Paulo e a dança cumpriu seu papel integrador”.

E, dois meses antes da estreia, os dois grupos finalmente assistiram o trabalho um do outro e os coreógrafos passaram a reunir as concepções. “Nesse momento, foi uma grande emoção”, lembra o diretor artístico Paulo Pederneiras. A obra combinada resulta inteira, desafiadora, “uma terceira via”, define Rodrigo. “Nossas visões têm características próprias, claro – sou mais intimista na movimentação, Cassi é mais explosiva e aberta”.

NA MÚSICA, UTOPIAS E DISTOPIAS

O balé **Piracema** traduz a música de Clarice Assad que, dividida em três grandes movimentos, traça um arco que se inicia no tribal, no ambiente natural intocado, passa pela polifonia sinfônica do clássico e termina no eletrônico, urbano, contemporâneo.

Primeira mulher a compor uma trilha para a companhia, Assad encarou, em suas palavras, “uma maratona”. “Foi minha primeira trilha, e logo com o gigantesco Grupo Corpo, de quem sou absolutamente fã”, conta a compositora direto de Chicago, onde mora. “Honrada e lisonjeada. Encaramos juntos um processo maravilhoso, que me ensinou muito”.

Ela trabalhou com o percussionista Keita Ogawa, a orquestra de cordas New Century Chamber, de São Francisco, e com participações especiais como a de seu pai, o grande violonista e compositor Sérgio Assad. “Usei bastante minha voz em harmonias vocais e até lancei mão, na terceira parte, de ruídos e sons criados por inteligência artificial. No final das contas, foi um quebra-cabeças que o Corpo e eu montamos lado a lado, criando um panorama de evolução, mudança e revolução do mundo. E ainda não sabemos se caminhamos para uma utopia ou uma distopia. Mas o poder regenerativo da arte é real”.

ESCAMAS

O diretor artístico Paulo Pederneiras foi buscar, para a cenografia, um material inusitado – e que se alinha à ideia dos cardumes da piracema. Recobriu o fundo (de 16m x 7m) e as pernas (laterais do cenário) com nada menos que 82 mil tampas de latas de sardinha. “Montamos numa rede as tampas metálicas e a imagem de escamas se **projeta**”. Paulo assina também a iluminação ao lado de Gabriel Pederneiras, diretor técnico do grupo.

A criação dos figurinos ficou a cargo da dupla de designers Alva, os irmãos Susana Bastos, artista e estilista, e Marcelo Alvarenga, arquiteto. É a primeira vez que os dois criam para a dança. “De acordo com a atmosfera da música e o desenvolvimento do balé, trabalhamos com os conceitos de natureza e tecnologia, ora em conflito, ora em harmonia”, explica Marcelo, que trabalhou como arquiteto com Freusa Zechmeister, falecida em 2024 - ela assinou os figurinos do grupo de 1981 a 2022. “Partimos da pesquisa sensorial e emocional e do léxico construído por Paulo e Freusa ao longo de tantos anos, que sempre acompanhamos”, completa Susana.

Partindo de uma cartela de cores terrosas, com detalhes em prata e em cores fortes, a dupla usa malhas justas como base, com detalhes sutis nos cortes e um leve enchimento nos quadris e nos ombros, tornando mais indistintas as figuras masculinas e femininas. “Vamos avançando nas transições do balé com uso de cores frias e de tecidos leves e transparentes como o tule e o crepe georgette, com acréscimos eventuais como uma meia diferente para fazer contrapontos fugazes”, continua Susana.

[duração: 37 min]